



Do diário de bordo à ciberliteratura de viagens

MARÍLIA DOS SANTOS LOPES

Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP)

Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC)

Universidade Católica Portuguesa

Resumo

Num mundo em que a mobilidade é um dos principais elementos caracterizadores da sociedade, não admira que a viagem se torne cada vez mais não só uma forma de se deslocar de um local para outro, mas um modo de ser e estar, como o destacam sociólogos como Zygmund Baumann. Associado ao ato de viajar, está indubitavelmente o ato de escrever e de comunicar que acaba por forjar uma cultura da viagem.

Não se trata, por certo, de um fenómeno recente. O património cultural português tem, incontestavelmente, inúmeros exemplos que demonstram como a viagem se tornou um facto indissociável da construção e consolidação do percurso identitário português, mas os meios de divulgar e promover a comunicação são hoje próprios de uma revolução digital. Uma viagem, como o testemunham os viajantes, só se dá por concluída quando concluído estiver o diário de bordo, o relato, a memória, o blog das observações e impressões que tal vivência e experiência significaram. Tendo em conta este património legado pelas escritas de viagens, importa aflorar de que modo esta experiência individual e pessoal, tão cara ao mundo contemporâneo, invadiu, se instalou, e com que criações, no espaço digital, tecendo, na medida do possível um rasto narrativo que, com base em alguns exemplos, visa destacar atributos comuns da escrita de viagem, quer dos primeiros diários de bordo, quer das rodovias e trajetos digitais.

Num mundo em que a mobilidade é um dos principais elementos caracterizadores da sociedade, não admira que a viagem se torne cada vez mais não só uma forma de se deslocar de um local para outro, mas um modo de ser e estar, como o destaca o sociólogo Zygmunt Baumann. Várias são as razões, vários os motivos que conduzem, e permitem, uma maior mobilidade, derrubando as tradicionais conceções de espaço e tempo. Numa frequente e controversa mobilidade, os cidadãos tornam-se, para uns, verdadeiros peregrinos (Bauman, 2007) ou nómadas (Maffesoli, 1997), para outros são cosmopolitas (Beck, 2004).

Ao definir a vida contemporânea como uma peregrinação, Zygmunt Bauman recorda que o peregrino era aquele que escolhia viajar em busca de algo para melhorar ou dar sentido à sua vida, pois a verdade estaria, na sua crença, num outro lugar. Geralmente, numa árdua e longa jornada, que não tinha prazo para terminar, ele não tinha pressa, pois mais do que a chegada, era o trajeto, era o caminho até ao lugar escolhido que maior valor detinha. Na sociedade atual encontramos, a seu ver, muitos peregrinos que, sem terem tomado eles próprios a opção de o ser, percorrem um mundo que lhes é, muitas vezes, adverso e muito pouco acolhedor (Bauman, 2007: 89-109).

Por sua vez, Michel Maffesoli, a partir da metáfora do nomadismo, apresenta a resistência do homem contemporâneo em reduzir-se a um só lar, a uma só profissão, a uma só identidade. Movimentando-se pela internet, deslocando-se livremente de um local para outro, vivendo no mundo como a sua casa, o nómada expressa uma nova procura e um novo desejo de liberdade. Neste sentido, não são apenas necessidades económicas, mas, antes um verdadeiro desejo de se evadir, um “impulso de migração” que incita o indivíduo a mudar de lugar, de hábitos, de amigos para realizar a sua multifacetada personalidade. A confrontação com a diversidade permite-lhe viver e fomentar a multiplicidade presente em cada ser. O passaporte é, cada vez mais, o seu documento de identidade¹.

Num mundo global declara-se a impossibilidade de viver num espaço definido por claras identidades e fronteiras. Colocam-se desafios, inclusive às ciências sociais, como destaca o sociólogo Ulrich Beck, que se interroga sobre como lidar com as diferenças entre dentro e fora, nacional e internacional, nós e os Outros. Por outras palavras, os jovens crescem em outros contextos e realidades num mundo global, em que falam português e chinês, francês e árabe, turco e alemão, e que vivem num espaço articulado entre estas diferentes redes transnacionais, horizontes de expectativas, ambições ou contradições. (Beck, 2004) O conceito cosmopolitismo oscila entre estes eixos de global a local, de nacional a internacional, pelo que, como acentua o prestigiado sociólogo,

¹ Na sua página *online*, Jessica e João confirmam haver três razões para serem nómadas digitais: ser livre, conhecer o mundo e ganhar inspiração. <https://www.meiocheio.com/3-razoes-decidimos-nomadas-digitais/>

inaugura uma nova conceptualização que não está associado a um determinado espaço, nas suas palavras: “*räumlich nicht festgelegt*” (Beck, 2004: 25).

Ao ato de viajar sempre esteve associado o ato de escrever e de comunicar. No desenrolar dos tempos, este gigantesco desejo de partilhar e informar ganhou uma destacada amplitude, constituindo-se como um reconhecido género de escrita e, indubitavelmente, como uma cultura aliada à viagem.

É aqui que a cultura portuguesa assume uma relevância destacada. Entre outras importantes vertentes do património cultural português, poder-se-á verificar uma enraizada e arreigada literatura de viagens, resultante de um longo e intrincado percurso entabulado nas viagens de e para diversos mares.

Não se trata, por conseguinte, de um fenómeno recente. O património cultural português tem, incontestavelmente, inúmeros exemplos que demonstram como a viagem se tornou um facto indissociável da construção e consolidação do percurso identitário português, como já tivemos oportunidade de demonstrar (Lopes, 2015), mas hoje os meios de divulgar e promover a comunicação sobre a mobilidade são próprios de uma revolução digital.

A cibercultura, entendida como um conjunto de processos tecnológicos, mediáticos e sociais, tem trazido, obviamente, outras formas de comunicação e de relação, dando azo ao surgimento de diversas culturas comunicacionais num ambiente global (Breton, 1990, Castels, 1996, Lemos, 2002). Uma das principais características da cibercultura planetária é a partilha de arquivos, música, fotos, filmes ou vídeos num movimento de interação a nível coletivo. Fruto de uma crescente troca social sob diversos formatos, o ciberespaço é, por excelência, um espaço aberto, ainda que determinado pelo tempo e pela dinâmica social (Lemos, 2004). Como lugar de passagem e de contacto, desenvolve-se de acordo com o crescimento do número de seus utilizadores e dá azo a outras dinâmicas culturais. Impõe-se, cada vez mais, uma cultura personalizada, colaborativa e aberta, em oposição a uma cultura de massa centralizadora, massiva e fechada. Estamos perante a emergência de novos centros emissores capazes de criar e desenvolver uma cultura em rede.

Nesta sociedade contemporânea, na sociedade do “agora”², onde a mudança de hábitos e realidades é permanente, pois tudo é transitório, efêmero, móvel, importa contrapor breves e velozes desejos à satisfação imediata. Ridiculariza-se ou não se dá lugar ao longo prazo, olhando, e alimentando, a sociedade de consumo como forma de responder à incessante inquietação e alvoroço. Neste sentido, abre-se espaço a outros objectos de desejo a que a indústria, ou os próprios consumidores, procuram responder produzindo atrações e tentações, como sublinha Baumann: “Para abrir caminho na mata densa, escura, espalhada e ‘desregulamentada’ da competitividade global e chegar à ribalta da atenção pública, os bens, serviços e sinais devem despertar desejo e, para isso, devem seduzir os possíveis consumidores e afastar seus competidores. Mas, assim que o conseguirem, devem abrir espaço rapidamente para outros objetos de desejo, do contrário a caça global de lucros e mais lucros (rebatizada de “crescimento económico”) irá parar. A indústria atual funciona cada vez mais para a produção de atrações e tentações.” (Bauman, 1999: 86).

Ente outros bens, também os valores e as manifestações culturais, se tornam mercadorias a serem produzidas, divulgadas e comercializadas, em grande escala, procurando granjear, através do espaço digital, um vasto público. Assim, nascem e circulam os *sites*, onde se distribuem dados e imagens criados por diversos autores, emissores e receptores das informações, incrementando a comunicação multidirecional, pois, na comunicação em rede, todos são emissores e receptores. Neste ambiente de difusão de expressões de diversas ideias e culturas, o mundo não é mais um espaço fechado em grupos culturais distintos, dando maior oportunidade ao encruzamento cultural.

Numa sociedade global, os cidadãos e consumidores, apesar de distribuídos por vários pontos do planeta, acabam, muitas vezes, por ouvir as mesmas músicas, assistir aos mesmos programas de televisão, usar os mesmos objetos, vestir os mesmos tipos de roupas, comer os mesmos alimentos, pelo que tendem também a ter as mesmas atividades, difundidas pelos meios de comunicação.

² “Ocupamos um mundo pautado pelo agora, que promete satisfações e ridiculariza todos os atrasos e esforços a longo prazo” afirmou Bauman numa entrevista, em 2010.

Querendo acompanhar as mudanças diárias e permanentes da sociedade, urge ter um olhar, também ele global e diverso, pelo que as viagens surgem como um importante veículo de confronto com outras realidades capaz de ser uma decisiva e diferenciadora fonte de inspiração na prática de conhecimento e de comunicação.

No meio digital, o maior mercado virtual do mundo, produtores, distribuidores e consumidores informam sobre diferentes conteúdos, numa variada e estreita cadeia de relações, com o fim de comunicar e partilhar a experiência de modo criativo e universal.

Pareceu-nos oportuno, numa reflexão sobre o património e a transformação digital, observar de que modo as mencionadas alterações tecnológicas e comportamentais se espelharam ou não, no tema das viagens e concretamente na produção de conteúdos sobre as viagens. Assim, e se nas suas mais diversas manifestações, de que modo se produz, em torno da viagem, e se cria a reconhecida sociedade da informação e da comunicação, ou a “transformação dos lugares em espaço de fluxos e canais”, segundo a formulação de Manuel Castells.

O conceito de viagem adquire, manifestamente, outras modalidades no ciberespaço, mormente entre a indústria turística, fomentada por diversos emissores num estreito e complexo circuito com os consumidores (Brian Creech, 2018, 157-172), mas cuja análise não se intenta aqui abordar. Neste contexto, também os blogues, considerados mais genuínos e autênticos, com um apontamento não institucional, sugerem, com as suas experiências e impressões, posições mais particulares e pessoais. Contudo, e como Arjun Appadurai destaca, qualquer ato cultural terá sempre mediações e implicações mediáticas e digitais (Appadurai, 1996). Os media eletrónicos, como computador, telemóvel, definindo cada momento do “aqui e agora”, são os decisivos mentores, não só de uma mudança nas rotinas e práticas diárias, mas principalmente na perceção e imaginação do dia-a-dia, exercício que, como lembra o antropólogo, se tornou um trabalho mental constante.

A transformação digital irá, sobremaneira, transformar a experiência do estar fora, mantendo permanente e ininterrupto o contacto verbal e visual com os que ficaram em casa. Com efeito, este incessante contacto verbal e visual, através dos diferentes fluxos e canais de comunicação, estabelece uma permanente e duradoura relação dialogante. Já, em 1998, Sherry Turkle no seu *Life on the screen* destacava o “always

elsewhere” (Turkle, 1998:204) como um decisivo factor de novas condutas e performances. É a partilha da imagem do almoço, ou da rua ou de uma paisagem do outro lado do oceano inteiramente indiferente à distância geográfica. Os meios de sociabilidade nivelam e determinam a relação estrutural definida entre fora/ casa, modificando o conceito de viagem, mas não transformam o seu nível e grau da experiência.

Se, desde os tempos modernos, o sentido do Ver ganhou uma enorme projeção em relação ao ouvir ou ao cheirar, como ainda os viajantes e autores das primeiras navegações bem sabiam elogiar (Barreto, 1989, Lopes, 1996, 1998, 2002), autonomizando-se na possível e única característica plausível na descrição da paisagem, do objeto ou indivíduo a descrever, entendendo-se a literatura de viagens como um “espelho do mundo” onde se refletia a veracidade e autenticidade do testemunho autêntico e *in loco*, cada vez mais esta separação de sentido se foi reforçando com novas possibilidades e técnicas: o desenho, a gravura, a fotografia.

A divulgação pela imagem teve naturalmente importantes impactos na receção das informações e forneceu uma outra notabilidade e importância ao retratado. Hoje, com as câmaras, filmes ou um simples telemóvel, encontrar-se-ão inumeráveis registos do *Visto* em inúmeros *sites* ou redes sociais. Da referenciada “Kodakisation” da realidade (Gregory, 1998), poder-se-á falar, com Gilles Lipovetsky, de uma cultura do écran (Lipovetsky/Serroy, 2010).

Percorrendo os diferentes espaços e fluxos de canais sobre viagens verifica-se, todavia, uma constante intertextualidade com os viajantes percursos, aliás, uma característica desde sempre presente neste género de escrita. ‘Eu vi com os meus próprios olhos’, ‘eu sou testemunha de vista, porque eu estive no local’, eis frequentes e recorrentes expressões dos viajantes neste género de escrita para, desta forma, validar a verdade e autenticidade do testemunho.

Não será, pois, de surpreender que ainda possamos hoje encontrar muitos textos denominados diários de bordo. O instrumento de apreender e relatar o olhar inaugural e experiencial de uma viagem sempre foi para os viajantes, o diário de bordo. Tal como a designação o assinala, diário de bordo é o apontamento diário e regular de um percurso, de uma experimentação, em que o autor diarista destaca impressões, momentos,

paisagens, dificuldades, riscos e triunfos que considera emblemáticos e reveladores de um dia de caminho.

Neste sentido, uma viagem, como o testemunham os viajantes, só se dá por concluída quando concluído estiver o diário, o relato, a memória das observações e impressões que tal vivência e experiência significaram para o caminhante³.

Bem conhecidos alguns dos diários de viagem resultantes de expedições pelo Atlântico, Índico e Pacífico, estes escritos eram textos em que os “[...] pilotos de uma nau ou caravelas iam dia-a-dia apontando as derrotas seguidas, as alturas do Sol ou das estrelas que tomavam (quando as tomavam), a declinação da agulhas, (caso a observassem) e todas as restantes observações que supunham terem interesse para a navegação como a vista de certas aves, as cores do mar, a observação de cardumes que se consideravam indicadores da área em que o navio se encontrava, etc.” (Albuquerque, 1994: 353). O diário era, assim, em primeira linha o registo da rota percorrida e da que se poderia ou deveria percorrer. O apontamento feito era, como se pode perceber, sucinto e de modo directo, ou seja, sem grandes considerações interpretativas ou explicativas. O seu principal objetivo e intento era, sem sombra de dúvida, o traçar do trilho, do percurso que as embarcações irão navegar. O certo é que estes textos irão, pouco a pouco, incorporar mais anotações e observações sobre a viagem, como descrições das geografias percorridas, retratos das paisagens físicas e humanas observadas, contactos estabelecidos, diálogos entabulados, informações recolhidas e consideradas indispensáveis para qualquer outro viajante, como seja listagens de palavras como o fez o presumível autor do diário da viagem de Vasco da Gama, Álvaro Velho.

Na então estabelecida Carreira da Índia, em que navegavam barcos de 100t a de a 300t com cerca de 200 homens, mas podendo ter no total de pessoas a bordo até aos 1000, quem governava e conduzia o navio era o piloto, o posto de maior responsabilidade a bordo, cabendo-lhe traçar a rota com a ajuda dos regimentos, das cartas náuticas e da observação astronómica e escrever o diário de bordo, como anota Rui

³ Ansgar Nünning (2009) chama a atenção para a forte característica de repositório de memórias vigorante na literatura de viagens.

Godinho no verbete *online* sobre diários de bordo da Biblioteca Digital do Instituto Camões⁴.

Antecedentes da literatura de viagens, os diários de bordo, documentos técnicos para orientação náutica, são parte fundamental do registo e da narrativa que dá conta da relação do autor-viajante com o mundo que, durante a viagem, se lhe vai revelando.

Na sua variedade e diversidade, estes escritos representavam a dimensão e singularidade de uma produção inovadora, numa profunda comunhão com o mar. Mareante, mercador, missionário, o homem do século do XVI projetava nas páginas dos seus escritos novas sumas de saber. Homens como Álvaro Velho ou Pêro Lopes de Sousa ansiavam dar conta, pela primeira vez, da sua concreta observação e experiência na conquista e domínio de um mundo nunca visto (Barreto, 1987, 1989, Lopes, 2016).

Nos seus diários, estes viajantes revelavam o deslumbramento, a maravilha que a novidade lhes presenteia, sendo, por isso, e inequivocamente, o principal e determinante fator para o seu aparecimento: a descoberta do Eu e do Mundo. Bem revelante do mundo renascentista, a literatura de viagens ecoa a experiência da ‘descoberta’, do surgimento do novo, bem como do modo de lidar com a novidade. Só o Ver permite o saber possível, como assegura o nauta Diogo Gomes, na sua famosa afirmação “E eu digo com verdade que vi grande parte do mundo, mas não vi coisa parecida” (Garcia, 1983: 29).

Um outro exemplo de uma importante obra no âmbito dos diários-relatos de viagem é a *Navegação* de Pêro Lopes de Sousa, em que já se encontram observações sobre o novo espaço físico e humano. Reunindo materiais sobre a investigação do litoral brasileiro ao longo dos anos de 1530-1532, este escrito revela um grande fascínio pela beleza e abundância da paisagem em terras americanas: “[...] a terra é mais formosa e aprazível que eu jamais cuidei de ver.” (Sousa, 1956: 482) ou “[...] Eu trazia comigo alemães e italianos e homens que foram à Índia e franceses. Todos eram espantados da formosura desta terra e andávamos todos pasmados que nos não lembrava tornar.” (Sousa, 1956: 490) Os

⁴ <http://cvc.instituto-camoes.pt/navegaort/d03.html>.

escritos, os diários de bordo, aonde os viajantes anotaram a revelação⁵, o espanto e a maravilha reconhecidos no Olhar de outras paisagens físicas e humanas, serviram como norte de orientação para o registo de outras geografias e formas de estar.

A escrita nasce, pois, do impulso do experienciado que importa comunicar: “Tendo eu Duarte Barbosa [...] navegado grande parte da minha mocidade pelas Índias [...] e tendo viajado por muitos e vários países vizinhos à costa, e visto e ouvido várias coisas que julguei maravilhosas e estupendas, por nunca terem sido vistas, nem ouvidas por nossos maiores, resolvi-me a escrevê-las para benefício de todos tais como as vi e ouvi de dia em dia.” (Barbosa, 1989: 13). É a novidade que estimula a escrita, é a revelação desse espanto que importa reter para o viajante e mais para outros, os que ficaram em casa, possam ler e aprender com o seu relato e descrição como escrita fotográfica para o presumível leitor: “Esta terra se descobriu aos 25 dias do mês de Abril de 1500 anos [...] Há as batatas grandes e brancas e compridas como as das ilhas, há outras pequenas e redondas como túberas da terra muito saborosas, há outras batatas que são roxas ao longo da casca e brancas por dentro, há outras que são todas encarnadas e muito gostosas. [...] nas lagoas e rios de água doce se criam uns lagartos que os índios chamam jacaré, dos quais há alguns tamanhos como um homem, e têm a cabeça como um grande lebréu, estes lagartos são todos cobertos de conchas muito rijas” (Sousa, 1971: 41).

O interesse e a curiosidade por estes relatos escritos em primeira pessoa e *in loco* dará genuinamente origem a uma disseminação destes retratos do mundo em múltiplas edições, em vários e diversos *ateliers* tipográficos, à sua generosa e conceituada tradução em outras línguas ou ainda em renomeadas antologias capazes de divulgar estas novas a um público faminto e desejoso de poder ler e assim percorrer pelas páginas dos volumes as experiências e as histórias narradas pelo viajante do mundo.

Como refere, Fernando Cristóvão:

“Foi esse movimento cultural, de forte investimento editorial, o grande responsável pela transformação de um corpus

⁵ A verdade do seu testemunho reside na autoridade do ver *in loco*: “Tão verdadeira notícia como eu, porque vi a maior parte dele”(Almada, 1964: 3)

predominantemente histórico e antropológico em corpus literário *sui generis*.

Testemunho flagrante dessa passagem qualitativa do documental para o literário é o do procedimento dos editores das coleções de viagens que deixaram de reproduzir as narrativas originais, e decidiram apresentá-las «trabalhadas», em função do gosto dos leitores” (Cristovão, 2002: 25).

Este entrecruzar entre informação e literalidade foram sempre os distintos trilhos de orientação da literatura de viagens

O que move atualmente um viajante a escrever e assim a comunicar as suas observações e testemunhos? Não será que é ainda o mesmo impulso e desejo de descrever e narrar o que cada um experienciou e que indubitavelmente deve partilhar?

Também o viajante e bloguista Filipe Morato Gomes confessa, à semelhança do percursor viajante Duarte Barbosa, que escreve o seu blogue para anotar informes, mas também para reservatório de memórias e mais para que Outros possam viajar através do seu olhar:

“Quem viaja está, regra geral, habituado a escrever. Sejam pequenos diários com experiências pessoais, ou anotações dispersas sobre lugares, gentes e transportes, tudo serve para perpetuar na memória de cada um as intensas experiências que a viagem proporciona. *Mas a escrita de viagens é mais do que isso: é contar histórias com a viagem em pano de fundo; é transmitir emoções; é fazer com que outros viajem através do nosso olhar*”⁶

Sem querer entrar no debate em torno da *Storytelling*, importa, contudo, salientar o seguinte: “As a mental construct independent of any medium, story constitutes the narrated events, abstracted from their disposition in the text and reconstructed in their chronological order, together with the participants in those events” (Herman, 2004: 51). A história pode, por isso, ser relativamente independente do *medium* a que se recorre. Este um importante argumento para a subsistência e continuidade do narrar e do contar histórias. Sabemos, contudo, como o suporte

⁶ Itálico nosso in: <https://www.almadeviajante.com/>

tecnológico usado pode e quer interferir significativamente no impacto e na visibilidade do processo comunicativo da narrativa (Herman, 2004: 53-56). *Storytelling* é, todavia, mais do que uma mera e pura experiência linguística a partir da sintaxe ou da semântica de uma língua. Com efeito, é também, por exemplo, uma performance corporal em que cada conceito resulta de gestos, expressões faciais ou entoação, aquilo a que McLuhan na sua *Global Village* chamou de espaço acústico, com expressão num vasto campo de registos e discursos cinematográficos, televisos e digitais capazes de fomentar e desenvolver esta performatividade narrativa (Herman, 2004: 41).

Sem um exercício de ponderação e avaliação da experiência ocorrida *on the road*, ontem como hoje, não se pode dar por concluída a vivência sem a sua consciencialização numa narrativa. Assim, o autor de *Alma do viajante* refere o “contar histórias” como um importante motor da escrita de viagens. O narrar, o contar histórias surge, por isso, como um elemento vital na aprendizagem, na construção de uma narrativa que dá sentido ao projeto e visibilidade para o próprio e para o conjecturável leitor.

Não será, por isso, de estranhar que muitos viajantes mantenham a própria denominação de diário de bordo para definir o exercício criativo em torno do ato de viajar. Distribuídos pelos diversos suportes e formas de criar conteúdos, seja em blogs, em vídeos, em documentários depa-ramos, muitas vezes sob esta mesma designação, referenciado o papel e contributo estruturante e caracterizador do diário de bordo. É o caso de Ruben Honrado, cujo vídeo produzido para o Observador *online*, nos relata igualmente sobre a orientação e diretriz do seu diário⁷. Hoje, como ontem, o viajante sente a necessidade de traçar testemunhos, impressões, ou até desenhos, que registem e deem corpo e visibilidade ao observado durante a deslocação transitória ou de maior duração.

Numa primeira instância poderia parecer que depois de já se ter mapeado e descrito grande parte das geografias e culturas do mundo, não haveria necessidade de olhar e de descrever experiências do ato de viajar. Assim, e se com um mero clique se pode ter, perante os seus olhos, qualquer recanto do planeta, o certo de que o seu reconhecimento

⁷ Na rubrica Cartografia do Talento, Obs Lab, in. <https://observador.pt/videos/obs-lab/sozinho-pelo-mundo-e-de-mochila-as-costas/>

e apreciação pessoal e individual continuam a originar muitas viagens e respetivas escritas.

“Engana-se quem acha que o destino define a viagem. O mais importante é a curiosidade do olhar, é a procura. É possível atravessar o mundo, ir exatamente aos antípodas daqui e não viajar realmente. É também possível ir à cidade mais próxima, a outra rua, ali ao fundo, e viajar com todos os sentidos, retirando o máximo dessa experiência.” escreve José Luís Peixoto na sua crónica *Espelho do Mundo* na revista online *Volta ao Mundo*⁸.

A procura é o cerne da motivação de viagem e por isso o viajante continuará a procurar razões de espanto e surpresa na sua deambulação pelo mundo, surpreendendo-se com a maravilha que encontra e fazendo dela motivo de troca de ideias e olhares. E agora com as grandes possibilidades tecnológicas de o fazer durante a viagem através das redes sociais, permitindo a outros vivenciar as experiências. Assim, ao mesmo tempo que se realiza uma etapa da viagem, os amigos, familiares e outros utilizadores podem saber, ver em vídeos, e assim partilhar momentos da andança.

A comunicação e a visibilidade são, certamente, outras e sempre de acordo com as novas transformações digitais, mas, no fundo, e porque não se pode dispensar a própria experiência, o que “importa é a curiosidade do Olhar”⁹. Essa possibilidade só se pode obter através da reconstrução e interpretação da experiência real e concreta que a narrativa pode permitir.

Tal como Jerome Brunner destacou no seu ensaio *The narrative contruction of reality* “We organize our experience and our memory of human happenings mainly in the form of narrative” (Bunner, 1991: 4) e é essa narrativa que reorganiza e interpreta a realidade, adquirindo um decisivo e importante papel na construção e a mediação da observação e experiência autêntica e pessoal, núcleo tão inerente e inseparável à escrita de viagens. A escrita de viagens é, por isso, uma das formas fundamentais para o processo que Nelson Goodman chamou

⁸ <https://www.voltaaomundo.pt/2017/12/30/um-espelho-no-mundo-uma-cronica-de-jose-luis-peixoto/>

⁹ Idem.

“worldmaking” (Goodman, 2013) – e que se reveste como um desafio estrutural na apreensão do mundo (Hanenberg, 2018).

Aqui, nesta busca de darmos sentido ao nosso rumo, e a linguagem, como destaca Gayatri Chakravorty Spivak (Spivak, 1988), é o meio mais adequado e eficaz para construir o sentido, pelo que as diversas práticas discursivas são exercícios de narrar e contar histórias a partir do vivido e experienciado, que muito viajantes definem como a sua tarefa, tanto ontem como hoje.

Assim, e como salienta, entre outros, Marie Louise Pratt, a escrita de viagens continua a florescer no mundo contemporâneo, inclusive, no digital. (Pratt, 2018: 217-230). A literatura de viagens permanece um veículo de reflexão sobre o modo de ser, pelo que os seus autores prosseguirão à procura de novas formas de contar histórias, percorrendo o seu caminho, lidando com a curiosidade e a coragem. Mantendo-se nossos companheiros e nós deles. Também o *homo digitalis*, e numa outra conceção de deslocação, afinal ruma em busca de um lugar, de um trilho exclusivo sem que saiba à partida qual a rota a percorrer.

O viajante profissional Gonçalo Cadilhe não tem dúvidas ao afirmar que hoje há um mercado português muito interessado pelo tema das viagens. Quando ele começou, em 1991, a escrever sobre as suas viagens, na *Grande Reportagem*, desafiado por Miguel Sousa Tavares, a realidade era bem diferente. Entretanto, há um público sedento de informações que, e como muitos outros, aguardando informações, conselhos e dicas para uma viagem única e peculiar. Num manual de viagens, Cadilhe escreve que este se destina a “[...] todos os que sonharam já em viajar mas nunca souberam por onde começar nem nunca foram encorajados a partir.” Sejam eles dos que gostam de viajar acompanhados ou dos que não sabem que a melhor companhia se encontra em viagem. Sejam mulheres, sejam pais, filhos, mais ou menos corajosos, mais velhos ou mais novos, hoje todos os perfis de viajante tem a possibilidade de arriscar e experienciar partir em busca de novos espaços e lugares, pois, como anota, “Dos 7 aos 77 anos, nunca foi tão fácil viajar como agora,”¹⁰ como o demonstra em *O Mundo É Fácil*.

Vários podem ser, pois, os motivos para viajar e relatar sobre as suas viagens. Bernardo Pires de Lima, um politólogo interessado pelas

¹⁰ <http://goncalocadilhe.com/>

questões europeias, faz-se à estrada, num ano de grandes decisões na Europa, para percorrer vinte e oito capitais da União Europeia. Entre entrevistas, conversas, encontros inverosímeis e observações, inesperadas, mas feitas localmente, o autor foi alimentando o interesse e a curiosidade pela sua viagem na revista *online*: *Volta ao Mundo*. Foi, pois, neste órgão de divulgação que, antes de editar os vinte e oito ensaios em livro, foi dando conta das suas viagens ao curioso leitor. Com início a 9 de maio de 2017, a rubrica intitulada, *Eurovisão: capitais europeias vistas por Bernardo Pires de Lima* deveria assim dar a conhecer algumas observações e impressos do politólogo português.

Alguns meses, mais tarde, em agosto, percebemos os benefícios dos quilómetros percorridos pelas capitais europeias, quando relata a sua participação nos últimos dias da campanha do candidato Emmanuel Macron às presidenciais em Paris: “Viver por dentro o desenlace desta contenda civilizacional é estar no centro do futuro próximo da Europa. É por isso que a morte anunciada da França vanguardista foi manifestamente exagerada. Quantos países europeus podem dizer que derrotaram o populismo apocalíptico com um arrojado programa liberal? Quantos analistas podem dizer que um político relativamente desconhecido e tão novo poderia transformar a política francesa de forma tão súbita e entusiasmante? É isto que a França, a espaços, simboliza: um arrojo cultural de supetão.”¹¹

Importa “viver por dentro” a fim de estar no “centro”. O viajante, e com ele o leitor da revista, poderá vivenciar esta “eurovisão” em primeira mão. A acompanhar o texto, autor indicou ainda fotografias, das quais quinze, serão editadas com vista a visualizar o seu olhar da capital francesa em ambiente de campanha eleitoral. Neste percurso pelas capitais europeias, o autor ganhou, no diálogo com agentes e protagonistas das realidades examinadas e na observação do pulsar das perspetivas e orientações locais, um maior discernimento do horizonte futuro.

Presente em blogues, revistas *online*, nas redes sociais, ou em *sites* particulares ou institucionais, o tema da viagem propagou-se à ciberliteratura e às criações digitais, pois apesar de a comunicação se tornar cada vez mais individual, ou unidirecional, como alerta Jürgen Habermas, o certo é que a escrita de viagens mantém vivo e presente o intento e desejo

¹¹ <https://www.voltaaomundo.pt/topico/bernardo-pires-de-lima/>

de partilhar e dialogar com o Outro. Não só porque permite conhecer ou dizer coisas, mas porque “está aí” em diferentes suportes e desafios tecnológicos e assim todos podem ter a sensação de estar no meio do acontecimento e de poder acolher as diferentes e distintas dimensões cognitivas e emotivas do que está a ocorrer nesse preciso momento.

Graças à sua objetividade tecnológica, as fotografias, os vídeos, ou filmes podem oferecer um testemunho mais concludente dos objetos ou eventos que representam, do que imagens criadas pela mão humana, ou até mesmo descrições verbais, salienta Marie-Laure Ryan (Ryan, 2010: 16).

Assim, e se o espaço físico não substitui por completo o espaço virtual, como o demonstram o crescente número de materiais sobre viagens, incapaz de acabar com uma, afinal, falsa familiaridade que o ecrã parece estabelecer entre os telespectadores e os atores da história, como formula Marc Augé (1994: 40), e que o digital parece incrementar na sua dimensão espacial, ele adiciona, por certo, um novo suporte do *worldmaking* contemporâneo. Neste sentido, o espaço físico e o espaço virtual são co-dependentes na apreensão e conhecimento de um infundável mundo novo. E o certo é que “O viajante volta já” (Saramago: 1990: 257).

Bibliografia

- Albuquerque, Luís de. 1994. *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*. Lisboa: Caminho.
- Almada, André Alvares de. 1964. *Tratado Breve dos rios de Guiné do Cabo Verde*, ed. A. Brásio. Lisboa.
- Appadurai, Arjun. 1996. *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*. Minneapolis Minn.: University of Minnesota Press.
- Augé, Marc. 1994. *Não-lugares. Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Barbosa, Duarte. 1989. *Livro do que viu e ouviu no Oriente*. Lisboa: Publicações Alfa.
- Barreto, Luís Filipe. 1987. *Os descobrimentos e a ordem do saber. Uma análise socio-cultural*. Lisboa: Gradiva.

- Barreto, Luís Filipe. 1989. As viagens marítimas e a nova visão do mundo e da natureza. In *Portugal no Mundo*, dir. Luís de Albuquerque. vol.II. Lisboa: Alfa, pp. 406-413.
- Barreto, Luís Filipe. 1989. *Portugal mensageiro do mundo renascentista. Problemas da cultura dos descobrimentos portugueses*. Lisboa: Quetzal Editores.
- Bauman, Zygmunt. 1999. *Globalização. As consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Bauman, Zygmunt. 2007. *Vida Fragmentada. Ensaio sobre a Moral Pós-Moderna*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Beck, Ulrich e Edgar Grande. 2004. *Das kosmopolitische Europ*. Frankfurt: Suhrkamp.
- Breton, P.. 1990. *Une histoire de l'informatique*. Paris: Seuil.
- Brunner, Jerome. 1991. The narrative construction of reality. In: *Critical inquiry* 18: 1-21.
- Cadilhe, Gonçalo. *Gonçalo Cadilhe. Escritor e viajante*. Disponível em <http://goncalocadilhe.com/> (consultado a 11. 6.2018.)
- Castells, Manuel. 1996. *The Rise of the Network Society. The Information Age: Economy, Society and Culture*. Vol. I. Malden MA; Oxford UK: Blackwell.
- Clifford, James and George E. Marcus (Ed.). 1986. *Writing Cultures. The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley: University of California Press.
- Cristóvão, Fernando. 2002. *Condicionantes culturais da literatura de viagens: estudos e bibliografias*. Coimbra: Almedina.
- Creech, Brian. 2018. Postcolonial Travel Journalism and the new Media. In: *The Cambridge Companion to Postcolonial Travel Writing*. ed. Robert Clarke. Cambridge. Cambridge University Press, 157-172.
- Diário de bordo. Disponível em Instituto Camões: <http://cvc.instituto-camoes.pt/navegaort/d03.html> (consultado a 11. 6.2018.)
- Garcia, José Manuel (Ed.). 1983. *Viagens dos Descobrimentos*. Lisboa: Presença, 25-54.
- Gomes, Filipe Morato, *Alma do Viajante*, Disponível em: <https://www.almadeviajante.com/> (consultado a 11. 6.2018.)
- Goodman, Nelson. 2013. *Ways of worldmaking*. Indianapolis, Ind: Hackett.
- Gregory, D. 1998. 'Scripting Egypt: Orientalism and the cultures of travel'. In J. Duncan and D. Gregory (eds) *Writes of Passage*. London: Routledge., 120-127.

- Habermas, Jürgen. 1985. *Theorie des kommunikativen Handelns*. 2 vols. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Hanenberg, Peter. 2018. Intramental Translation. How cultures shapes the mind or Why Columbus did not discover America. In Hanenberg, Peter, *Cognitive Culture Studies*, Lisboa: UCE, 86-102.
- Herman, David. 2004. Toward a Transmedial Narratology. In: Marie-Laure Ryan, James Ruppert, John W. Bernet (Ed), *Narrative Across Media: The Languages of Storytelling*, Lincoln and London: University of Nebraska Press, 47-75.
- Lemos, André. 2002. *Cibercultura. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea*. Porto Alegre: Sulina.
- Lemos, André. 2004. Cibercultura, cultura e identidade. Em direção a uma “Cultura Copyleft?” In: *Contemporânea*, vol.2, no 2, 9-22.
- Lima, Bernardo Pires de. *Eurovisão*. Disponível em <https://www.voltaaomundo.pt/topico/bernardo-pires-de-lima/> (consultado a 11.6.2018.)
- Lipovetsky, Gilles e Jean Serroy. 2010. *A Cultura-Mundo. Resposta a uma sociedade desorientada*. Lisboa: Edições 70.
- Lopes, Marília dos Santos. 1996. “Vimos oje cousas marauilhosas.” Valentim Fernandes e os Descobrimentos Portugueses. In: *Portugal – Alemanha – África. Do Imperialismo Colonial ao Imperialismo Político*. Actas do IV Encontro Luso-Alemão. Coord. A. H. de Oliveira Marques, Alfred Opitz, Fernando Clara. Lisboa: Colibri, 13-23.
- Lopes, Marília dos Santos. 1998. *Coisas maravilhosas e até agora nunca vistas. Para uma Iconografia dos Descobrimentos*. Lisboa: Quetzal.
- Lopes, Marília dos Santos. 2002. *Da Descoberta ao Saber. Os conhecimentos sobre África na Europa dos séculos XVI e XVII*. Viseu: passagem.
- Lopes, Marília dos Santos. 2015. *Identidade em Viagem. Para uma História da Cultura Portuguesa*. Lisboa: UCE.
- Lopes, Marília dos Santos. 2016. *Writing New Worlds. The Cultural Dynamics of Curiosity in Early Modern Europe*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing.
- Maffesoli, Michel. 1997. *Du nomadisme*. Paris: Livre de poche.
- Maffesoli, Michel. 2003. *L’instante eternal*. Paris: La table ronde.
- Nünig, Angar. 2009. On the manifold prefiguration of the representation of reality in the travelogue. In: *Comunicação & Cultura* 8: 127-149.

- Peixoto, José Luís. *Espelho do mundo*. Disponível em <https://www.voltaaomundo.pt/2017/12/30/um-espelho-no-mundo-uma-cronica-de-jose-luis-peixoto/> (consultado a 27.7.2018).
- Pratt, Marie Louise. 2018. Afterword. In: *The Cambridge Companion to Postcolonial Travel Writing*. ed. Robert Clarke. Cambridge: Cambridge University Press, 217-230.
- Ryan, Marie-Laure. 2010. Fiction, Cognition and Non-Verbal Media. In: Marina Grishakova e Marie-Laure Ryan (Ed.). *Intermediality and Storytelling*. Berlin / New York: Walter de Gruyter.
- Ryan, Marie-Laure, James Ruppert, John W. Bernet (Ed). 2004. *Narrative Across Media: The Languages of Storytelling*. Lincoln and London: University of Nebraska Press.
- Saramago, José. 1990. *Viagem a Portugal*. Lisboa: Caminho.
- Sousa, Gabriel Soares de. 1971. *Tratado descritivo do Brasil*. 1587. São Paulo: Ed. Varnhagen.
- Sousa, Pêro Lopes de. 1956. *Navegação no Descobrimento da Costa do Brasil*. ed. Lisboa.
- Turkle, Sherry. 1998. *Life on the screen: identity in the age of the Internet*. London: Weidenfeld.
- Urry, John, *Mobile cultures*. 1999. Disponível em <http://www.lancaster.ac.uk/fass/resources/sociology-online-papers/papers/urry-mobile-cultures.pdf> (consultado a 27.7.2018).
- Spivak, Gayatri Chakravorty. 1988. Can the subaltern speak? In: Cary Nelson & Lawrence Grossberg (ed.). *Marxism and the Interpretation of Culture*. Chicago: University of Illinois Press.
- Volta ao mundo: <https://www.voltaaomundo.pt/>.